

VIOLÊNCIA OBSTÉTRICA NO BRASIL: UMA REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

Congresso Online Brasileiro de Medicina, 1ª edição, de 22/03/2021 a 24/03/2021
ISBN dos Anais: 978-65-86861-87-7

COUTINHO; Maísa Miranda¹, ALMEIDA; Higor Luan da Silva², SANTOS; Letícia Grazielle³, REIS; Camila Calhau Andrade⁴

RESUMO

INTRODUÇÃO: Em 2014, segundo a Organização Mundial da Saúde, a Violência Obstétrica (VO), foi considerada um problema de saúde pública (LANSKY, S et al., 2019 apud OMS, 2014). A VO caracteriza-se como qualquer ato de violência direcionado a gestante, parturiente, puérpera, ou recém-nascido, praticado por profissionais de saúde durante a assistência (JARDIM DMB, MODENA CM, 2018). No Brasil, em média, uma a cada quatro mulheres sofre algum tipo de VO, de cunho verbal, institucional, física e/ou psicológica (BRANDT, GP et al., 2018). **OBJETIVO:** Analisar o que a literatura científica tem produzido sobre violência obstétrica em gestantes, parturientes e puérperas no Brasil, considerando variáveis socioeconômicas e cor/raça. **METODOLOGIA:** Revisão bibliográfica realizada a partir de pesquisas na base de dado PubMed e no banco de dados da Biblioteca Virtual em Saúde durante o período de 20 de junho de 2020 a 03 de julho de 2020. Os descritores utilizados foram: “Pregnant Women”; “Obstetric violence”; “Brazil”; “Black Women” em várias combinações junto com o operador booleano AND. Os critérios de inclusão foram: textos completos, estudos em humanos e publicados nos últimos 5 anos. Critérios de exclusão foram: duplicatas e que não abordavam a temática da pesquisa. Inicialmente, 31 artigos foram encontrados. Após a leitura de título e resumos, 10 foram selecionados. **RESULTADOS:** Os artigos apontaram que mulheres negras, indígenas, de baixa renda, com baixo grau de escolaridade ou com alguma deficiência são mais vulneráveis a VO (BRITO; OLIVEIRA; COSTA. 2020). Existe uma premissa, sem evidência científica e de caráter racista/eugenista, que incute a ideia de que o corpo da mulher negra é mais resistente a dor (LIMA KD, et al., 2016). Nesse contexto, mulheres negras receberiam menos anestesia do que o necessário. Além disso, segundo a literatura, a episiotomia foi a VO física mais frequente (LIMA KD, et al., 2016 e BRANDT, GP et al., 2018). Ademais, conforme a pesquisa nacional Birth in Brazil, revelou que em 2015, 55,5% de todos os nascidos vivos eram por meio de cesariana não planejada do que o parto vaginal (GRILO DINIZ, CS et al., 2018). Negligências durante a assistência de pré-natal, parto e puerpério são catalisadoras de VO, sendo consideradas violência institucional. Tais situações ferem princípios da humanização, pois estabelece uma verticalização no processo assistencial, colocando o profissional de saúde com status autoritário sob a mulher assistida (PEDROSO CNLS e LOPEZ LC, 2017). **CONCLUSÃO:** A VO é um fator que impulsiona a morbidade e mortalidade entre as mulheres, principalmente entre as negras, pardas e indígenas, sem escolarização, com baixa

¹ Universidade Federal do Sul da Bahia (UFSB), maisamirandacoutinho@gmail.com

² Universidade Federal do Sul da Bahia (UFSB), igor.vestibular@gmail.com

³ Instituto Israelita de Ensino e Pesquisa Albert Einstein (IIEPAE), leticia.grazi23@gmail.com

⁴ Universidade Federal do Sul da Bahia (UFSB), mila_calhau@hotmail.com

condição socioeconômica ou com deficiência. Destaca-se nesse contexto, a importância da educação popular em saúde sobre o tema, uma vez que muitas mulheres não compreendem a dimensão da VO e dos seus direitos de assistência durante gestação, parto e pós parto.

PALAVRAS-CHAVE: Gestantes, Violência Obstétrica, Humanização em saúde